

República festeja fim de Canudos

Jornal do Brasil, 07/10/1897

Após lutas tremendas, há mais de um ano sustentadas pelo glorioso Exército nacional, lutas de heroísmo e de sacrifícios, em que os nossos soldados deram a maior prova do seu devotamento à República, caiu, afinal, o reduto conselherista, que nos sertões baianos ateara o incêndio da revolta e do fanatismo bárbaro.

Canudos tomado! foi o grito entusiástico que ontem ecoou nesta capital e decerto em toda a República, ferida profundamente com a morte de um punhado de bravos que a defendiam, mas vingada hoje pela mais estrondosa das vitórias.

Nas justas expressões de nosso povo pela boa nova que chegava, o nome de Arthur Oscar, o denodado soldado brasileiro, cujos inestimáveis serviços a nossa pátria tão alto o elevam no conceito dos seus concidadãos, foi freneticamente saudado, como não foram esquecidos todos os seus companheiros de luta que, como ele, tinham a pulsar no coração generoso o mesmo sentimento de patriotas e republicanos,(..)

(..) Às 11h da manhã de ontem, o senhor general Cantuária, ministro interino da guerra (..), dispunha-se em sua residência, a ir para a secretaria, quando lhe foi entregue o seguinte telegrama: “Monte Santo, 6- Com sumo prazer vos comunico que recebi hoje parte oficial do general Arthur Oscar, dizendo que desde o dia 4 ocupou a cidade de Canudos. Notícias circunstanciadas irão depois. Machado Bitencourt”.

Como se vê, este telegrama trazia notícias, ansiosamente esperadas, da vitória de nossas forças sobre o bando de fanáticos de Antonio Conselheiro.

O sr. general Cantuária, satisfeitíssimo, dirigiu-se para a secretaria da Guerra, em cujo saguão o esperava a banda de música do 1º Batalhão de Infantaria, que tocou o hino nacional à sua entrada, (..)

(...) O sr. general Ávila, ajudante de general interino, baixou as seguintes ordens do dia número 231: “Viva o Exército brasileiro! Hosanas à República!” Canudos, o reduto do bandidismo foragido, que o fanatismo supersticioso imaginava inexpugnável, já não é mais um ponto negro nos horizontes da pátria, sinistra ameaça à tranqüilidade pública.

“Canudos, valhacouto do crime, o receptáculo da vadiagem, perseguido pela ação vigiadora da justiça, o asilo da credence, está em nosso poder.

“Se grande e pertinaz foi a resistência oposta pelos famigerados defensores do obscurantismo retrógrado e transviado, maior foi a temeridade das hostes invencíveis do nosso exército atacando.

“Sobre as ruínas desse ajuntamento de fanáticos malditos, sobre os escombros desse povoado destruído, tremula hoje auriverde da República, iluminadas pelas estrelas cintilantes da liberdade triunfante!

“Não podia ser maior a nossa vitória nessa santa cruzada da fé contra o fanatismo, da liberdade contra a escravidão, da democracia contra o sebastianismo; infelizmente, empana o brilho de nossas armas a morte de companheiros dedicados, de valentes camaradas que sucumbiram na peleja, feridos pelas armas homicidas de irmãos arrenegados. (...)

(...) “Saudando os heróis que sobreviveram, honrando a farda que vestem e a República que servem, de joelhos abençoamos a memória saudosa dos feridos companheiros que, votados no sublime sacrifício do dever, com o coração a transbordar do patriotismo no campo de ação caíram vencidos pela morte, legando às gerações futuras nobre e edificante exemplo de ardor cívico e de acendrado amor às instituições republicanas.

“Meus camaradas, a cidadela de Canudos já está sob o domínio da lei.

“Em homenagem a tão glorioso acontecimento sejam postos em liberdade todos os presos à minha ordem — (Assinado) O general de brigada reformado João Antônio de Ávila, encarregado do expediente.”

Morte trágica do autor de 'Os sertões'

Jornal do Brasil, 16/08/1909

Uma notícia triste impressionou vivamente o dia de ontem. Mas a tristeza da notícia, acúlea, incisiva, golpeante, nem se pode descrever, porque não feriu apenas a sensibilidade humana. Doeu na afeição dos homens inteligentes, porque se tratava de um dos mais conspícuos e insignes entre os que pensam e produzem no Brasil.

O sr. Euclýdes da Cunha, o escritor substancioso e lapidar que surgiu há poucos anos, com um livro que era literatura e era história, que era ciência e era arte, *Os sertões*, caíra varado por uma bala certa em um lance inesperado e brutal. (...)

O dr. Euclýdes da Cunha (...) tinha-se casado com a sra. Dona Anna Solon da Cunha, filha do falecido General Solon, há cerca de 17 anos, advindo do casamento quatro filhos. O mais velho, de nome Solon, tem 16 anos; o segundo, Euclýdes, com 14; Manuel Afonso, 4; e ainda outro, o último, Luiz, de 1 ano de meio.

Residia com sua família à rua Nossa Senhora de Copacabana nº 28. Sua casa era assiduamente freqüentada por dois rapazes filhos do Rio Grande do Sul, amigos íntimos da família e bastante conhecidos na nossa sociedade. Eram os estudantes militares Dilermando Cândido de Assis e Dinorah Cândido de Assis. Ao que parece, porém, a amizade de Dona Anna pelos rapazes, notadamente por um deles, não era vista com bons olhos, suscitando inveja ou despeito até de pessoas da família. Daí adveio, pelo que pudemos colher, a intriga urdida.

(...) O dr. Euclýdes começou a lutar, a debater-se com uma grande luta moral, refazendo e reunindo energias para não sucumbir ao peso da dor da incerteza que o afligia. Dona Anna acreditava que tudo fosse urdido por umas tias já idosas e residentes em sua casa, entre as quais uma, de nome Angélica Ratto. À vista disso, aconselhou os dois moços a que se mudassem para longe (...)

Foram eles residir à Estrada Real de Santa Cruz nº 214, na estação da Piedade. Dona Anna, segundo afirma, não podendo resistir à estima que a liga aos jovens, foi mais de uma vez visitá-los na sua vivenda suburbana, arrastando embora o perigo de causar maiores suspeitas ao marido. O dr. Euclýdes, ao que parece, fora novamente informado do procedimento da esposa, o que lançou maior revolta no seu espírito (...) Vendo-se em situação angustiosa, não podendo suportar mais o convívio de pessoas que ela tinha como traidoras, Dona Anna resolveu ir residir temporariamente na casa de sua mãe, a viúva do General Solon, à rua de São Cristovão, nº 94. (...)

Saindo de casa, pela manhã de ontem, o dr. Euclýdes da Cunha tinha uma resolução formal inabalável. Dirigira-se para a estação inicial da Estrada de Ferro Central do Brasil, tomando um trem de subúrbios. (...) A esse tempo, uma senhora saltara na estação da Piedade, seguida de dois filhos. Era Donna Anna da Cunha, em companhia de seus filhos Solon e outro menor. Tomara também a direção da casa dos irmãos Assis. Caminhava apressadamente e, ao chegar próxima aquela estrada, na rua do Catete, parou estatelada, ao ouvir detonações repetidas de armas de fogo.

(...) O dr. Euclýdes, ao que parece, dirigiu-se para ali na certeza de encontrar a esposa. De outro modo não se explicam as suas frases ao deparar o estudante Dinorah Assis à janela da casa. "Onde está minha mulher?", dizia ele. "Onde está meu filho! Estão aí, não é verdade?" Obtendo resposta negativa, entrou apressadamente e penetrou em um quarto, de porta cerrada, no qual o aspirante Dilermando de Assis lia calmamente um livro. O dr. Euclýdes interpelou-o com relação às suspeitas, que lhe ferviam no cérebro e, sem dar tempo a qualquer resposta, desfechou três tiros contra Dilermando, dizendo ainda: "Agora, miserável, vais pagar!" O alvejado foi atingido apenas por uma das balas na virilha esquerda.

Nessa ocasião, ouvindo o estampido, Dinorah procurou socorrer o irmão, no que foi impedido pelo dr. Euclýdes, que estava enraivecido, em grande exaltação. Vendo que ele apontava a arma, procurou desviar-se, sendo, porém, atingido por uma bala, na coluna vertebral. (...)

O aspirante Dilermando, apanhando o seu revólver, do autor Smith and Wesson, bem como o do seu antagonista, apertou o gatilho e deu dois tiros para o ar, com o fim de amedrontá-lo, segundo mais tarde declarou. O dr. Euclýdes, longe de ceder, desfechou o seu revólver contra ele por duas vezes, ferindo-o no ventre e no mamilo esquerdo.

A esse tempo, como bom atirador que era, Dilermando foi detonando a sua arma por três vezes, ferindo o dr. Euclides no pulso direito, no braço esquerdo e, por último, na infraclavicular direita, próxima ao peito. Foi esse tiro que o prostrou. Mortalmente ferido, o dr. Euclides cambaleou, indo cair fora, no jardim da casa.

Dilermando correu em seu socorro; julgava-o ferido, mas não estado grave. “Que é isto, doutor?” interroga-o. “Sofri muito... matei... morro... mas perdô...” Foram estas, segundo dizem, as suas palavras pronunciadas a custo, falecendo pouco depois. (...)

Marinheiro quer acabar com chibata

Jornal do Brasil, 23/11/1910

Por volta das 22h30, chegou ao JORNAL DO BRASIL um boato de que algo de anormal se passava em navios de nossa esquadra ancorada no porto. Imediatamente telefonamos para o Arsenal de Marinha; não obtivemos resposta.

Alguns redatores do JORNAL DO BRASIL, que estavam de serviço na ocasião em que o boato circulava, subiram ao mirante e realmente viram algumas das nossas unidades de guerra de fogos acesos; o Minas Gerais apontando os seus poderosos holofotes, enquanto cortavam os ares as sirenes de várias lanchas.

Ecoou o primeiro tiro, arrancando a plácida Guanabara da sua quietude. Novo disparo e mais outros se sucediam. (...) Pela Avenida Central e pelas ruas que desembocam no Largo do Paço, o povo corria, ávido de saber do que se tratava. (...) Uns opinavam que a revolta era na Marinha, por não Ter continuado na pasta o sr. Almirante Alexandrino de Alencar; outros eram de parecer que a sublevação partira da maruja do Minas Gerais e do São Paulo, indignada pelo péssimo tratamento que lhes é dado pelos respectivos comandantes.

Quando chegamos ao Arsenal de Marinha, esta praça de guerra achava-se completamente fechada, não permitindo que ninguém entrasse. Vários oficiais da Armada que, com os estampido, imediatamente correram para aquele Arsenal, foram obrigados a permanecer ali por muito tempo, até serem identificados.

Em seguida, foram, sob sentinelas do Batalhão Naval, conduzidos ao gabinete do sr. Ministro da Marinha. De um deles, o 2º tenente Trompowsky, ouvimos que o motivo da revolta era devido à escassez de praças a bordo para o serviço, que é demasiado.

Segundo ainda as declarações deste oficial, o fato começou às 22h, hora em que, com o sr. Capitão de Mar e Guerra Batista das Neves, regressava do navio-escola francês Dughay Trovin, onde tinha ido tomar parte em um jantar oferecido pelo comandante do La Croix de Castries, ao seu colega do Minas Gerais, em retribuição às gentilezas dispensadas aos aspirantes franceses.

A essa hora, quando esses oficiais chegavam a bordo, foram recebidos por cerrada fuzilariam, que os obrigou a fugir por se acharem completamente desabrigados e inteiramente desarmados. (...)

Ouvimos ainda do tenente Trompowsky que os marinheiros revoltados haviam apunhalado o 2º tenente Álvaro Alberto, que ali se achava de serviço. Disse o oficial que depois de ter prevenido os almirantes acima referidos, foi com o sr. Almirante Gavião Pereira e capitão Batista das Neves a bordo do Minas Gerais e aí os deixou.

Pouco depois, segundo nos declarou o capitão-tenente médico dr. Raymundo Catanhede, que se achava de registro no Andrada, compareceu a bordo, onde atendeu o 2º tenente Álvaro, cujo estado era gravíssimo.

Disse-nos ainda o dr. Catanhede que, ao passar pelo Minas Gerais, foi recebido a bala, não por este navio, como também pelo Bahia e pelo Barroso, sendo obrigado a fugir.

O sr. presidente da República achava-se na Tijuca na festa em honra ao sr. dr. Fonseca Hermes, quando lhe deram o aviso do Ministério da Marinha, de que havia a bordo do navio da esquadra, um movimento de rebelião. S. Exª ainda assistiu a alguns brindes que lhe fizeram. E só depois tomou o automóvel (...) O chefe de Estado dirigiu-se à sua residência, à rua Guanabara, onde já o aguardavam alguns amigos. (...)

Chegavam, depois, os srs. Ministro do Interior e comandante da Força Policial. Dizia-se “que se tratava de uma exigência das guarnições da esquadra, para que se acabasse com o regime do castigo corporal”. Eram 1h20, quando o sr. Ministro da Marinha comunicou ao palácio que as guarnições exigiam que se acabasse com a chibata, e exigiam daquela autoridade, pelo telégrafo sem fio, que lhe desse pronta resposta do consentimento e de promessa quanto a sua exigência, sob pena de bombardearem a cidade. (...)

Eram 2h da manhã. A rua do Catete estava coalhada de automóveis. Marchavam soldados em direção ao palácio para reforçar a guarda. O nosso automóvel partiu. Havia sossego nas ruas. Da praia da Glória via-se o mar e, longe, as figuras iluminadas das naves projetando holofotes em várias direções. Dir-se-ia, porém, que era tudo como em outras noites; que nada havia de anormal e que tudo quanto nos agitara em tão poucas horas, havia pouco, e não dominava ainda ali, não era bem verdade, e sim um vago sonho, que bem quiséramos que se dissipasse. (...)

Cólera mata 500 num só dia

Jornal do Brasil, 03/11/1918

Devido às intempéries climáticas têm sido agravados nesses últimos dias os padecimentos de muitos enfermos, cujo estado já era considerado lisonjeiro pelos médicos assistentes. (...)

Os jornais publicaram o telegrama do sr. dr. Pedro Toledo, nosso ministro em Madri, dando a fórmula usada ali, com excelentes resultados no ataque à gripe (cólera-morbus). A fórmula é precisamente a mesma que há oito dias o sr. dr. Professor Cesário de Andrade, da Faculdade de Medicina da Bahia, vem empregando no Hospital Nilo Peçanha e que consiste em injeções de sublimado por via endofalébrica. (...)

No cemitério de S. Francisco Xavier, no Caju, foram sepultados ontem 84 indigentes e houve 138 enterros de classe. No cemitério de S. João Batista houve 84 enterros. No cemitério de Inhaúma foram sepultados 84 cadáveres. No cemitério de Irajá houve 31 enterros, no de Jacarepaguá, 15, no de Campo Grande, 14, e no do Realengo, 13. Os médicos legistas da polícia verificaram 46 óbitos nos domicílios e pelo necrotério passaram ontem 36 cadáveres.

Dumont vira herói em sua chegada

Jornal do Brasil, 02/01/1914

Depois de longa estadia na Europa onde, mais do que ninguém, soube abrilhantar o nome de sua pátria, graças à conquista do título de pioneiro de navegação aérea, que lhe valeu a mais gloriosa das celebridades, era justo que, na sua chegada, todo país vibrasse de entusiasmo, como vibrou, num misto de admiração, apoio e carinho com que os pátrios recebem os filhos que os souberam honrar.

Partiu um dia com a idéia genial dos seus inventos, em busca de meios onde pudesse realizá-la. Paris, a cidade luz, de onde se irradiam pelo mundo as mais diversas manifestações intelectuais da espécie humana, foi também a oficina escolhida para as suas experiências.

Ali, na capital do mundo civilizado, após sucessivas tentativas, adaptou seus pensamentos aos fins práticos que idealizara, oferecendo ao mundo a chave da descoberta que devia assegurar à audácia do homem o domínio do espaço: contornou a torre Eiffel com seu dirigível, realizando o primeiro vôo mecânico. A navegação aérea saiu do terreno das fantasias.

Sua chegada movimentou, desde cedo, enorme multidão. Não houve quem não sentisse desejo de esperar o grande inventor: pessoas de todas as idades e condições sociais correram ao cais da Praça Mauá.

O trânsito nas ruas principais tornou-se difícil. Todo o trajeto, da Praça Mauá, passando pela Av. Rio Branco e Beira Mar, até a Rua Cruz Lima, estava embandeirado. No cais, uma banda da Brigada Militar e outra do Exército, esperavam o grande inventor. No coreto em frente ao JORNAL DO BRASIL, uma outra banda da Brigada Policial.

Às 18 horas, finalmente, via-se em frente à Praça Mauá, o transatlântico Blucher. Alguém distinguiu entre os passageiros a figura de Santos Dumont e, imediatamente, ergueram-se os primeiros vivas. O ilustre patricio agradeceu as aclamações com o aceno de seu chapéu de viagem.

Depois do navio atracado, o ilustre brasileiro se encaminhou no tombadilho para descer ao cais. Todos queriam ver o grande inventor, cumprimetá-lo, abraçá-lo e carregá-lo em triunfo. A Guarda Civil, que até ali conseguiu fazer-se obedecer, não teve mais força para conter a multidão. Santos Dumont foi arrebatado pela multidão, que o carregou até o carro.

O carro de Santos Dumont abria o cortejo, rodeado de grande número de populares. Das janelas e sacadas, partiam braçadas de flores e acenos de lenços ao recém-chegado. Era um espetáculo admirável.

Quando o majestoso cortejo passava em frente ao edifício do JORNAL DO BRASIL, as pessoas que ocupavam as sacadas começaram a bater palmas. No momento em que Santos Dumont se voltou, para agradecer às manifestações que lhe eram dirigidas, toda a iluminação, interna e externa, do edifício se acendeu, produzindo magnífico efeito.

O cortejo chegou ao seu destino, na Rua Cruz Lima, cerca de 18h30. Mais uma vez, o povo carregou o sr. Santos Dumont nos braços. Depois, o grande brasileiro subiu ao andar superior do palacete onde se hospedou e assistiu o desfile extraordinário de veículos, os discursos e a execução do Guarany, pela banda de música do Corpo de Bombeiros.

Getúlio toma posse no Catete

Jornal do Brasil, 04/11/1930

Em nome do Exército, da Marinha e do Povo, o dr. Getúlio Vargas, como chefe civil da revolução vitoriosa, tomou posse ontem, do governo do Brasil. Tão histórico acontecimento para a vida de nossa pátria revestiu-se de simplicidade, embora em meio a delirante entusiasmo.

Assim, várias horas antes da marcada para a realização desse ato, já era imensa a multidão que estacionava em frente ao Catete. E, no próprio palácio, comprimia-se outra multidão de pessoas da mais alta representação tanto militar como civil, em que se viam inúmeras famílias de nossa melhor sociedade.

Quando se aproximou o momento da transmissão do poder, a Junta Governativa, acompanhada de todos os membros do governo, deu entrada no salão de honra, colocando-se ao centro, à esquerda. Ali, aguardou a chegada do dr. Getúlio Vargas que, cercado de amigos e companheiros de luta, penetrou no recinto, em meio de vivas aclamações.

O dr. Getúlio Vargas, que iniciou sua oração debaixo de profundo silêncio, assim falou: “O movimento revolucionário iniciado vitoriosamente a 3 de outubro, no sul, centro e norte do país, e triunfante a 24, nesta capital, foi a afirmação mais positiva, que até hoje tivemos, da nossa existência, como nacionalidade. Em toda nossa história política não há, sob esse aspecto, acontecimento semelhante. Ele é, efetivamente, a expressão viva e palpitante da vontade do povo brasileiro, afinal senhor de seus destinos e supremo árbitro de sua finalidades coletivas.

No fundo e na forma, a revolução escapou, por isso mesmo, ao exclusivismo de determinada classe. Nem os elementos civis venceram as classes armadas, nem estas impuseram àqueles o fato consumado. Todas as categorias sociais, de alto a baixo, sem diferença de idade e de sexo, comungaram num idêntico pensamento fraterno e dominador: a construção de uma pátria nova, igualmente acolhedora para grande e pequenos, aberta à colaboração de todos os seus filhos.

(...)

Levante de militares é frustrado

Jornal do Brasil, 28/11/1935

Com o declínio do movimento armado do Nordeste, a população voltava a tranquilizar-se, quando ontem, pela manhã, a cidade amanheceu alarmada pelo levante da praia Vermelha e da Escola de Aviação. (...)

Na madrugada, um batalhão do 3º Regimento de Infantaria, aquartelado na praia Vermelha, revoltou-se. Chefiou-o o capitão Agildo Barata Ribeiro, que ali se encontrava preso há vários dias. (...) Apoderando-se do gabinete onde está instalada a estação de rádio do 3º R.I., o capitão Agildo entrou desde logo a emitir pelas rádios, concitando outras unidades do Exército a secundarem o golpe ali iniciado, declarando vitorioso o movimento naquele regimento.

Essas rádios foram imediatamente contestadas pelas estações do Exército, que mostraram que o movimento estava limitado apenas à Praia Vermelha. Na Escola de Aviação, um grupo de sargentos, ao mesmo tempo, atacou os oficiais e assumiu o comando da tropa. O bravo coronel Eduardo Gomes, avisado, atacou imediatamente os rebeldes. Da Vila Militar, tropas comandadas pelo general José Joaquim Andrade marcharam também contra os amotinados, tendo o Grupo Escola de Artilharia bombardeado violentamente a Escola de Aviação.

Sentindo-se perdidos, os amotinados atearam fogo aos hangares, que arderam rapidamente. Também aos depósitos de gasolina foi lançado fogo, havendo violenta explosão. Foi tão rápido, incisivo e fulminante o ataque das forças legais aos amotinados da Escola de Aviação, que às 8 horas da manhã de ontem, já estava dominado inteiramente o movimento sedicioso. (...)

Já preso, o tenente Agildo Barata Ribeiro foi abordado por diversas pessoas. Um jornalista perguntou-lhe: “Que foi isso?”

E o oficial revolucionário respondeu: “Que é que você quer? Recebi ordens.”

E puxou do bolso, exibindo-a, uma ordem, datada de ontem e assinada a tinta vermelha por Luiz Carlos Prestes. (...)

Gagarin vai ao espaço e vê a Terra

Jornal do Brasil, 13/04/1961

Um homem de 27 anos, pai de dois filhos, viveu ontem uma hora e 48 minutos no espaço, numa experiência inédita que o *Osservatore Romano* disse marcar um momento memorável na história da ciência e das conquistas pelo qual um astronauta poderá, em breve, chegar a outros planetas.

O homem é Yuri Acekseyevich Gagarin, mecânico metalúrgico nascido numa granja perto de Smolerisko e cujo nome quer dizer pato selvagem. Seu feito — no qual o *Osservatore* encontra motivo para novas esperanças de confraternização entre os blocos que dividem o mundo — foi acompanhado em boletins da Rádio de Moscou: quando se anunciou o regresso, a multidão saiu às ruas para saudá-lo como herói nacional. “O céu é escuro, muito escuro, a Terra é de um azul muito claro”, anunciou Gagarin.

Amanhã, no Aeroporto de Unukovo, a 30 quilômetros de Moscou, o astronauta será recebido pelo premier Nikita Krushev e seus ministros e terá seu nome inscrito no Livro de Ouro da Liga de Juventude Comunista. Num comunicado que traduz a sensação de vitória, o governo soviético fez, logo após o regresso de Gagarin, o seu mais veemente apelo para o desarmamento universal e completo sob estrito controle internacional.

O comunicado oficial enviado do espaço por Gagarin, oficial da Força Aérea Soviética, desde 1957, foi divulgado pela Rádio de Moscou às 10h (hora local), logo após a melodia *Como é grande o meu país* e antes da nave espacial ter aterrado numa região da União Soviética que é mantida em segredo.

As repercussões políticas registraram-se principalmente na ONU, onde o delegado dos Estados Unidos, sr. Stevenson, afirmou que se tornou mais necessário do que nunca um acordo para o uso do espaço sideral para fins pacíficos, prevendo a possibilidade de se lançar do espaço para terra bombas de hidrogênio. (...)

No Rio, um parente de Gagarin, que foi nobre russo e teve seus familiares mais próximos mortos pelos revolucionários bolchevistas, considerou “um azar” o parentesco e desprezou o feito como “obra dos homens que tenho o dever de odiar”.

Em Moscou, o jornal *Izvestia* informou hoje que o astronauta Yuri Gagarin, saindo de sua nave espacial depois de efetuar o histórico vôo ao espaço, contou emocionado: “O céu é escuro, muito escuro, e a Terra é de um azul muito claro. Pode-se ver tudo muito claramente.”

“Tudo se desenrola normalmente. Encontro-me perfeitamente.” Essas foram as primeiras palavras lançadas no espaço por Yuri, quando pilotava a nave cósmica. As informações trazidas por Yuri são consideradas da mais extrema importância e parecem indicar que estão resolvidos os problemas de aceleração em vôos com ausência de gravidade.

O correspondente especial do jornal *Izvestia*, sr. Ostorumov, diz em um despacho publicado na edição desta tarde: “Acabo de ver Yuri Gagarin quando saía de sua nave sorrindo como somente pode fazê-lo um homem de todo feliz.”

O correspondente diz que, ao sair de sua nave espacial, o primeiro astronauta fez uma expressão de contentamento e que seus “olhos brilhantes pareciam refletir a luz das estrelas”. O correspondente continua: “Levara um traje de avião leve, de cor azul e um capacete espacial. Todos os abraçaram.” Gagarin abraçou a um de seus parentes com tanta força que pareceu que estivessem lutando. O ambiente era de felicidade e alegria. (...)

Câmara nega licença ao governo

Jornal do Brasil, 13/12/1968

A Câmara dos Deputados, pelo voto da maioria absoluta dos seus membros, negou, ontem, a licença requerida pelo governo para processar o sr. Márcio Moreira Alves. Contra a licença, votaram 216 deputados; a favor, 141 e houve 12 votos em branco.

A votação, secreta, foi a mais demorada da história do parlamento brasileiro: duas horas e 40 minutos. Por decisão do presidente José Bonifácio não se fizeram filas, que dão aspecto negativo ao processo. Cada deputado, chamado pelo primeiro secretário, sr. Henrique La Roque, dirigiu-se à cabine indevassável e depois colocou seu voto na urna, situada no plenário. A votação começou às 12 horas, precisamente.

Nas galerias, 100 populares, aproximadamente, acompanharam todos os debates e a votação. O primeiro voto apurado foi contrário à cassação. Votaram 369 deputados. O sr. Márcio Moreira Alves declarou-se impedido, mas sua presença foi anotada, para efeito de quorum.

A apuração durou 30 minutos. Nos primeiros dez minutos, a derrota do governo já se esboçava: 60 votos contra a licença e apenas 22 a favor. Os aplausos em plenário, iniciados quando votaram os deputados Djalma Marinho, Brito Velho, Arruda Câmara, Cunha Bueno, Flores Soares, Israel Novais e Feu Rosa, os quais, embora pertencendo à Arena, haviam lutado pela não concessão da licença, prosseguiram quase que ininterruptamente depois que os votos contrários ultrapassaram a casa dos 150. E, ao ser contado o 178 que deu a vitória ao sr. Márcio Moreira Alves, quase todo o plenário, de pé, festejou o acontecimento.

A sessão da Câmara foi iniciada às 9 horas e encerrada às 15 horas. Anunciado o resultado pelo sr. José Bonifácio, as galerias e o plenário prorromperam em aplausos. Entre os populares que assistiam à sessão, uma jovem começou a cantar o Hino Nacional, logo acompanhada por todos na galeria. O plenário foi contagiado e cantou também. Todos de pé.

O presidente José Bonifácio apertou os botões da campanha, mas desistiu de coibir a manifestação. Levantou-se também, aderindo, e com ele toda a Mesa. Encerrado o Hino, começaram as trocas de abraços. O deputado Mário Maia deu um viva aos “companheiros da Arena”. Outros gritavam: “Viva a nação”, “Viva a democracia”, “Viva a liberdade”. Trocaram-se abraços e muita gente chorava. Pela Guanabara, não votaram os seguintes deputados: Amaral Neto, Lopo Coelho e Veiga Brito, todos da Arena. O sr. Márcio Moreira Alves declarou-se impedido.